

alguma coisa de superior e de raro, alguma coisa que nos engrandecia e nobilitava.

Graças a Deus, resta ao Brasil, com a consciência, a capacidade de distinguir entre o sentido de uma ascensão e os tropeços de uma caminhada: ao têrmo da ação de Rui, como ao têrmo da ação de todos os grandes homens, fica um saldo, um enriquecimento, que largamente recobre o que houve de menor, de falho ou, mesmo, de errado, no que êles fizeram. Terão sido infalíveis e irrepreensíveis em todos os seus gestos, um Churchill, um Roosevelt? Até os sacrifícios as vêzes injustificados, que um Napoleão Bonaparte exigiu da França, podem ser pagos moralmente pelo sentimento de unidade e de glória, resultante dêles: a nação reconhece que saiu ganhando. É por cima dos episódios da marcha que se há de determinar o rumo da subida. Em sua espontânea sabedoria, dessa maneira identificam os povos os seus guias, os seus heróis — e debalde se insurgirão contra isso os mesquinhos, os incapazes, os estreitos de inteligência, os estéreis de alma. Ninguém fechará os olhos nem o coração do Brasil ao merecimento de Rui Barbosa.

## TEILHARD DE CHARDIN: CIÊNCIA E PROFETISMO

Aluizio Bezerra Coutinho

A publicação dos escritos deixados por Pierre Teilhard de Chardin vem sendo feita de uma forma que é, senão desprovida de precedentes, pelo menos rara, pouco habitual: sob o patrocínio de uma comissão de homens de ciência formada pelo conjunto mais prestigioso que se poderia reunir dentre os que em todo o mundo se dedicam à paleontologia e às ciências do homem em geral. E não se diga que possa ter havido alguma tendenciosidade na sua composição. De forma alguma. A comissão patrocinadora encerra a maior variedade possível das tendências, opiniões e pendores existentes entre os que se ocupam dos temas que interessaram a Teilhard de Chardin. Fica portanto ao abrigo de qualquer suposição de partidarismo sectário, como da suspeita de condescendência ou de patrocínio gracioso. Cada nome da comissão revela uma personalidade, ilustre em seu domínio, que julga útil, se não indispensável a divulgação dos pensamentos que o padre e paleontólogo transferiu para seus cadernos.

Graças a esta publicação póstuma vem se tornando Teilhard de Chardin um favorito do público leitor. Seu nome passou a ser discutido, suas idéias aceitas com fervor ou atacadas com fúria, não se notando neste mundo de leitores surpresos, ora escandalizados ora deliciados, nem a serenidade nem o respeito que o grupo de patrocinadores em particular, e o mundo científico em geral, dedicam ao finado paleontólogo. Dir-se-ia que houve uma surpresa para o público leigo, nenhuma para o círculo de especialistas. Terá sido assim, até certo ponto. Mas isto não explica tudo, não permite compreender-se o fenômeno Teilhard de Chardin, o homem que se propôs a estudar o fenômeno humano, e ao fazê-lo, escandalizou uns, arrebatou

outros entre os leigos, mas foi acolhido com simpatia por todos entre os mais diferentes de seus iguais.

Para seus numerosos e diversíssimos iguais êle não foi o que pareceu ao público leigo: — uma novidade, um meteoro vindo súbitamente do desconhecido. Foi um valor que se desenvolveu, cresceu e se firmou com autoridade cada vez mais sólida através de muitos anos de trabalho duro em muitos lugares da terra, especialmente no Extremo-Oriente. Muito longa é a lista de seus trabalhos pròpriamente científicos, todos publicados em revistas e coleções sòmente folheadas por investigadores como êle, confrades de uma das mais esotéricas das irmandades científicas: a dos paleontologistas, e ainda mais, daqueles que se interessam pelos fósseis de mamíferos das eras terciária e quaternária.

Não se pense que esta espécie de atividade nas suas mãos era uma simples habilidade estéril de colecionador altamente especializado. Assim seria para outros de menor calibre intelectual. Em suas investigações servia-se dos dados materiais, do acêrvo fragmentário dos fósseis, o pouco e arruinado que escapou da destruição ao longo do tempo, através das idades, para a reconstituição do passado, para a reconstrução das paisagens sucessivas da Terra ao longo dos dias da criação, reconstituição necessária para a compreensão do presente, e para a eventual antecipação do futuro. Não foi um simples coletor de informações, porém um daqueles que, privilegiados pelo talento ou pelo gênio, partindo das informações, alheias ou próprias não importa, alcançam reuní-las em quadros, modêlos e perspectivas que formam a imagem científica do universo sensível. Como homem de ciência, situa-se em andar bem elevado, bastante acima do mero coletor de informações, no plano daqueles que pelo talento se habilitam à decifração das leis da natureza.

Homens tais, quase no limiar do gênio, não são muito numerosos, mas também não escasseiam assim. Há bastante dêles, bem conhecidos e respeitados por seus pares. Mas, por importantes que sejam seus trabalhos, raramente se tornam conhecidos do público leigo. Se Teilhard de Chardin despertou o interêsse do público leigo, e contou com o patrocínio de seus iguais para a publicação de escritos seus de natureza não téc-

nica, deve ter sido por algum motivo outro que seus méritos de cientistas, de autor de trabalhos como êste intitulado “Un cas remarquable d’orthogenése de groupe: l’èvolution des Siphneidés de Chine”. Não deve ter sido, positivamente, pelo estudo exaustivo das pequeninas caveiras de uns ratos do mato com hábitos de toupeiras, que viveram durante o plioceno e têm descendentes na fauna atual. Ratos do mato, escavadores ou não, com ancestralidade conhecida, venerável ou não, dificilmente podem ser considerados assunto capaz de atrair o interêsse do público geral, constituir sucesso de livraria, ou acender disputas acaloradoras entre os leigos. Entre paleontólogos, bem, aqui a coisa é diferente, mas não vale para explicação da atitude do público leigo.

A referênciã a êste trabalho de Chardin veio porque permite uma comparação ilustrativa com a obra de outro autor de idêntica importância científica. A menção do nome A. W. Rowe nada significa para o leigo, será apenas o de algum cidadão de país de língua inglêsa. Mas atrás deste nome se esconde a figura de um médico inglêso que, explorando polegada por polegada camadas de giz que datam do turoniano e senoniano, cretáceo superior, da Inglaterra obteve uma série praticamente contínua de restos de um ouriço do mar formando uma linha de evolução admirável pela transição paulatina das formas mais antigas às mais recentes. Seu trabalho foi reconhecido, tornou-se um dos grandes clássicos da ciência, vem mencionado em todo livro que se preze, que trate de assuntos de evolução dos seres vivos. Sua significação é a mesma do trabalho de Chardin sôbre os ratos toupeiras, e de certo modo o grande valor da investigação deste, foi o de haver confirmado para o grupo dos mamíferos a ocorrência da evolução gradativa das formas vivas ao longo do tempo, que o trabalho anterior do médico Rowe havia revelado entre os ouriços do mar. Mas o nome do médico Rowe é desconhecido do público. O do padre Teilhard de Chardin é saudado com clarins ou recebido com reservas se não com invectivas, é um nome que desperta paixões e não bocejos.

\* \* \*

Já mais de uma vez o conceito da evolução dos seres vivos

despertou o interesse do público leigo. Há cem anos correu pelo mundo uma febre de interesse pelas investigações biológicas, não tanto pelos fatos, mas pelas implicações muito claramente aparentes que contrariavam crenças ou suposições dominantes. Graças ao esforço de alguns biólogos que também eram excelentes escritores, polemistas e oradores exímios, um homem retraído e meio eremita como Darwin teve seu nome conhecido mundialmente, até de uma sociedade cultural de uma cidade provinciana obscura como o era o Recife, em 1879, quando foi feito membro correspondente do Gabinete Português de Leitura, e em uma novela popular, como "As pupilas do Sr. Reitor", de Julio Diniz, encontram-se alusões à gênese evolucionista do homem. Uma vez por outra seitas retrógradas e seus prosélitos, aqui e ali se desmandaram, a ponto de em 1925 ter sido processado e condenado por um tribunal em Dayton, Tennessee, um professor de nome John Thomas Scopes, por ensinar evolucionismo, violando assim uma lei estadual que formalmente proibia o ensino nas escolas públicas, de qualquer teoria que negasse a criação divina do homem tal como ensinada literalmente na Bíblia.

Poder-se-ia pensar que a condição de Chardin, clérigo jesuíta tornado porta-voz do evolucionismo, estaria influenciando na sua fama, a maneira de um toque de escândalo. Não há nada disso. Outros homens da Igreja têm se revelado evolucionistas. Na própria lista dos patrocinadores de Chardin, está o nome do padre Henri Breuil, o renomado especialista em paleontologia humana. De um modo geral a Igreja Católica tem se mantido de maneira muito mais tolerante e discreta que outras seitas e igrejas, nunca se tendo verificado episódios como o processo Scopes, ou a polêmica famosa do bispo anglicano Wilberforce contra Huxley, em nenhum país onde o catolicismo predomine. No próprio caso Scopes, a defesa, chefiada pelo advogado Clarence Darrow contou com a assistência do advogado católico Dudley Field Malone. A atitude do padre Chardin não representaria portanto nenhuma pedra de escândalo e se atrai a atenção de uma forma pouco habitual, não se deve à condição de clérigo, mas sim ao que possa haver de sedutor nas suas palavras.

Tivesse o padre Teilhard de Chardin se limitado a redigir

os meticulosos relatórios sobre seus achados de fósseis, ou mesmo ficado apenas no domínio da especulação envolvida na construção dos modelos representativos permissíveis em face das evidências materiais, a difusão de seu renome não teria excedido a do médico Rowe, não teria transposto a fronteira da confraria de seus iguais. Mas ele também foi o missionário, o pregador, uma espécie de novo Isaías, portador de um verbo de esperança, como o mostra a simples enunciação de alguns dos títulos das obras em via de publicação; — I — *Le phénomène humain*, II — *L'apparition de l'homme*, III — *La vision du passé*, IV — *Le milieu Divin*, V — *L'avenir de l'homme...* e assim por diante. Há portanto que considerar ao lado do paleontólogo, o profeta, ao lado do investigador, o santo, e, como êstes dois aspectos ocorrem na mesma pessoa, é natural que se interatuem embora isto não seja necessário. Pelo contrário. Via de regra, por estranho que possa parecer, uma parede isoladora eficiente é construída separando na pessoa do cientista, o domínio da afetividade e da fé, daquele outro da racionalidade pura. Atribue-se a Pasteur uma afirmação típica neste gênero, que ele teria declarado que ao entrar no laboratório, fechava as portas do santuário. Esta tem sido uma atitude, se não confessada, largamente praticada. Sòmente uns poucos têm ousado derubar as paredes e proclamar uma unidade espiritual destituída de ambivalência. Uns tantos tem-no podido fazer pela eliminação do irracional religioso e às vèzes têm se tornado por força do desenvolvimento, profetas do mundo sem Deus, santos da irreligião. Êstes tais utilizam o acêrvo de informações científicas para negarem a existência de um Criador. Para êles as coisas próximas ou remotas, a terra, o mar e o firmamento estrelado, que para o salmista proclamavam a glória da Divindade, atestam apenas em sua incoerência intrínseca a negação total de um princípio diretor inteligente. E como todos os profetas se parecem, as personalidades da confraria científica mais semelhantes a Teilhard de Chardin não estão entre aqueles que conseguem à maneira de Pasteur, fechar a porta do santuário quando conveniente, mas entre os corifeus do ateísmo militante, os clangorosos pregadores da religião materialista. Entre êstes realça a figura de Ernst Haeckel, o grande naturalista da monografia sobre radiolários. Como Chardin, Haeckel tor-

nou-se um nome popular. Em tôrno dêle formaram-se partidos. Teve aliados fanáticos. Foi também vítima da invectiva, da calúnia, da incompreensão e da má fé. Não foi conhecido do público pelas suas monografias sôbre Siphonophora, sôbre Radiolária, nem pelos conceitos novos que introduziu e que marcaram definitivamente a biologia, como o domínio da ecologia, palavra por êle cunhada e que teve tão brilhante futuro. Nem mesmo obras suas como "Kunstformen der Natur", onde sua sensibilidade artística e talento plástico superior se manifestam, podem ser tidas como conhecidas do leigo. Êstes trabalhos todos foram tão ignorados do público geral como as investigações de Chardin sôbre os fósseis das formações cenozóicas de Kwangsi e Kwangtung. Sua popularidade foi devida aos seus livros polêmicos de pretensão filosófica ou humanista, tais como: Os enigmas do universo, As maravilhas da vida, O monismo, etc. Como Teilhard de Chardin, Haeckel foi bemquisto e admirado por seus pares, e cinco anos antes de sua morte, o velho professor Ernst Heinrich Haeckel, de Jena, ao completar oitenta anos, em 16 de fevereiro de 1914, teve a alegria de receber de confrades em festa, os dois volumes jubilares, com 123 contribuições dos naturalistas de tôda Europa, com o título — *Was wir Ernst Haeckel verdanken*. Dificilmente duas vidas poderiam se ajustar paralelamente tão bem como a de Ernst Haeckel, profeta, santo da irreligião, à de Pierre Teilhard de Chardin, profeta, e um dos últimos santos de Deus.

Não sòmente as vidas dos dois, também os hábitos de pensamento, a maneira de utilizar os dados do conhecimento científico à maneira de esteios das respectivas convicções se assemelham. Tanto Chardin como Haeckel não hesitaram em transpor as fronteiras da generalização legítima, levados por simples aparências de confirmação, embora isso importasse em ignorar qualquer dificuldade eventual ou atual. Levados pelo entusiasmo profético, ambos colocaram-se fàcilmente fora do domínio da ciência e enveredaram em pleno reino da visão mística, possuídos ambos pelas inspirações mais poéticas e sacras que humildemente positivas. Haja vista a importância que na obra de ambos tem a representação gráfica das filogenias. Informações fragmentárias, muitas vêzes discutíveis, são por ambos alinhadas em desenhos onde se acomodam conforme

a idéia preconcebida por cada um dêles. Uma filogenia tão dura e rígida como o esgalhamento de uma árvore desfolhada, admitia Haeckel. Um "sistema de escamas" um encaixamento de verticilos, orientando cada vez mais uma divagação progressiva "para estados mais e mais cerebralizados", propõe Teilhard de Chardin. Ao que parece, ambos esquecidos de que a evolução é um fenômeno coletivo, não tendo sentido na escala do indivíduo. Torna-se tão patente a extravagância haeckeliana que quase faz de cada resto fóssil os despojos de um ancestral seguro, como a de Chardin relegando tôdas as ossadas e restos de primatas hominídeos conhecidos para as "escamas" do "conjunto imbricado" como se o simples fato de ter sido achado implicasse na obrigação de não pertencer à linhagem de *Homo sapiens*. Quase se poderia dizer que, pelos desenhos de Chardin, nunca um ancestral do *Homo sapiens* teria direito a ter seus ossos fossilizados, a fossilização sendo uma espécie de apanágio, de privilégio ou servidão, de seus primos ou tios. Nunca de seus pais ou avós. Assim Teilhard de Chardin afasta sumariamente, degredando para uma "escama" sem futuro do conjunto imbricado, os pitecântropos e os neandertaloides que Ernst Haeckel colocava na lista de seus próprios e veneráveis avoengos. Ambos assim procedendo convictos cada qual mais teimosamente, de estarem respectivamente na posse da verdade por excelência, do conhecimento de como as cousas se teriam passado sem sombra de dúvida.

Ora, cheias de dúvida são as generalizações, as idéias e as teorias científicas. Sòmente a teoria que puder se prestar à prova de contestação, pode ser rotulada de teoria científica. Ela precisa se submeter a ser posta em dúvida, precisa permitir a contra-prova, correndo o risco de ser eliminada, se não resistir à contestação experimental ou racional. Teorias para as quais não se possa conceber uma maneira de submetê-las à prova, não podem pretender o rótulo de científicas. Por isso, a elaboração e exposição das teorias deve ser feita sempre de modo que a legitimidade de cada elemento por ela considerado, possa ser convenientemente apreciada, não se permitindo nenhuma confusão entre aquilo que é informação concreta, elemento de protocolo, e aquilo outro que é resultado de dedução, que é extrapolação ou interpolação. Êste cuidado terá que ser tanto

mais rigoroso, quanto mais fragmentária for a evidência material, exigindo maior recurso à reconstrução hipotética, para suprimento provisório da informação em falta.

No momento acredita-se haver sido identificada afinal a sequência de formas animais que, dos fins do plioceno, ao pleistoceno superior, deu origem ao *Homo sapiens*. Esta sequência é atestada por fósseis muito fragmentários, podendo todos ser incluídos no gênero *Homo*, o mais antigo sendo conhecido como *Homo modjokertensis*, do qual se encontrou até agora um crânio infantil e restos de crânio, face e mandíbula de adulto. A reconstrução do esqueleto da cabeça do adulto foi feita por Weidenreich e tornou-se uma figura quase obrigatória nas publicações. Os pedaços de osso encontrados foram juntados com plasticina, que serviu para encher as lacunas. O conjunto foi fotografado e apresentado com o aviso: "As partes escuras são os fragmentos originais". Assim não se corre o risco de pensar que a grossa viseira óssea por cima dos olhos foi encontrada na caveira fossilizada, não. A viseira óssea é uma hipótese, uma suposição legítima, compatível com os aspectos apresentados pelos ossos recuperados das rochas de Sangiran, Java. É uma suposição que está tão a mercê de ser confirmada como contestada, tão logo sejam obtidos em alguma outra escavação, restos que conservem as partes que faltam nos despojos conseguidos por von Koenigswald, professor de paleontologia em Utrecht, Holanda, um dos patrocinadores da publicação das obras de Teilhard de Chardin.

Tudo que a paleontologia oferece de razoavelmente seguro no concernente à linhagem humana, é uma sequência de formas que se alinham após o vilafraquiano, compreendendo os degraus:

*Homo (Pithecanthropus) modjokertensis*  
*Homo (Pithecanthropus) erectus*  
*Homo (Sinanthropus) pekinensis*  
*Homo neanderthalensis*  
*Homo sapiens*

sequência esta capaz de ser modificada mediante acréscimos ou reduções. Talvez o degrau *pekinensis* seja definitivamente iden-

tificado com o *erectus*. Talvez degraus novos venham suavizar o salto aparentemente grande entre os *Pithecanthropus*, incluindo o sinantropo, e o homem de Neanderthal, da mesma forma que numerosos fósseis vêm ultimamente aplainando o trajeto entre as formas *neanderthalensis* e *sapiens*, tornando aparente a continuidade na variedade da evolução do gênero *Homo*, através do tempo e do espaço geográfico.

A preocupação maior do investigador no sentido de se furtar a tôda espécie de erros e enganos ao estabelecer suas hipóteses, leva-o até a não omitir minudências de aparência irrelevante, relativas aos documentos materiais. Desta maneira procura-se reduzir erros e equívocos relacionados com a tendenciosidade pessoal, as opiniões preconcebidas, e também a perda de informação por inadvertência, coisa muito importante em todos os casos em que não se pode reproduzir as circunstâncias do achado, tal como ocorre forçosamente nas escavações à procura de fósseis. É-se assim informado que os fragmentos do *Homo (Pithecanthropus) modjokertensis* não foram encontrados de uma só vez. Primeiro achou-se o fragmento da mandíbula. Dois anos depois, o pedaço do maxilar, mostrando haver sido quebrado e destacado recentemente do restante da peça, que deveria continuar encravada na rocha original em Sangiran, Java. Estava, de fato, mas também não era completa. O crânio de onde provinha, tinha sido esmagado antes da fossilização, antes de ter sido sepultado, possivelmente por ocasião do acidente que matou o seu dono. Fica-se assim inteirado do certo e do incerto, do seguro e do duvidoso, e portanto da solidez ou fragilidade das hipóteses, da teoria.

Tanto Haeckel como Chardin serviram-se de hipóteses, de teorias mais ou menos aceitáveis para justificar suas visões do mundo, para encarar os problemas da humanidade, para vaticinar seus destinos. Para o primeiro, a humanidade estaria sendo levada, por força das leis naturais, pelo processo de seleção natural darwiniana, acrescido e ajudado pela influência lamarekiana do meio ambiente, progressiva e gradativamente para uma condição cada vez melhor e mais elevada, libertando-se pouco a pouco dos resquícios de animalidade, numa espécie de trajetória desde a condição da besta à do anjo, embora não usasse êle este vocabulário. Para Chardin, a evolução se

faz inicialmente mediante a atuação das leis naturais, primeiro físico-químicas, depois biológicas. Ao chegar através de ensaios numerosos, as “escamas imbricadas” de seus esquemas gráficos, ao grau *Homo sapiens* teria atingido a culminância possível da evolução por meio das leis biológicas. Mas aí ter-se-ia habilitado a sofrer novo tipo de evolução, conforme leis sobrenaturais: “Et c’est en ce point, si je ne m’abuse, que la Science de l’Evolution (pour que l’Evolution se montre capable de fonctionner en milieu hominisé) s’insere le probleme de Dieu — Moteur, Collecteur et Consolidateur, en avant, de l’Evolution”. (La Place de l’Homme dans la Nature, p. 173).

Para Haeckel, o homem é capaz de progredir sem ajuda externa. Para Chardin é necessário que a Vontade Divina o tome pela mão e o oriente para a condição melhor, para o reino do Senhor, extraindo-o da condição animal cujas possibilidades estariam esgotadas. Esta é a grande diferença entre os dois profetas. Para esta diferença muito terá contribuído o meio social, o ambiente familiar, mas é muito razoável supôr que sobretudo os tempos, as épocas, diferentes em que viveram, representaram fator capital. Porque é de notar que a vida útil de Haeckel decorreu nos últimos decênios do século passado e no primeiro deste. Quando, ao fazer os oitenta anos, em 16 de fevereiro de 1914, recebeu a homenagem de seus pares, o mundo estava prestes a mergulhar de súbito, a sucumbir à primeira das tremendas crises que puzeram têrmo ao otimismo vigente da era vitoriana, da “belle époque”. E com o otimismo sereno que reinava, foram também liquidadas as esperanças de progresso contínuo e suave. Já Teilhard de Chardin viveu os difíceis dias do nosso século, e nem sempre na comparativamente risonha situação da Europa entre as duas guerras. Testemunhou a desesperada provação da humanidade no extremo oriente. Viu confrades, como von Koenigswald, envolvidos nos acontecimentos da invasão japonesa da Indonésia. Presenciou toda a ordem de sofrimento, viu toda sorte de iniquidade que o homem é capaz de infringir ao próprio homem. Não é portanto surpreendente que sua profecia, como a de Isaías, assumisse a feição de medicina espiritual reparadora, e trouxesse o lenitivo da esperança. Para isto bastava-lhe ponderar que todas as contradições, dificuldades e retrocessos que desnor-

## POR UMA HISTÓRIA DO IMPÉRIO VISTA DO NORDESTE

J. A. Gonsalves de Mello

“O Norte, folgamos reconhecê-lo, não atingiu a êsse extremo de descontentamento em que a discussão limita com o combate. Flutua, é certo, nas regiões mais próximas do Equador um instinto vago de independência; em outras propaga-se a dúvida sobre as vantagens da união”. Tavares Bastos, *A Província* (1870).

Entre os temas de história regional que está a merecer a dedicação de um estudioso, tenho apontado o da história do Império — e particularmente a do segundo Reinado — apreciada do ponto de vista do Nordeste. Até aqui as obras acerca do reinado de Pedro II têm sido mais apologias do que propriamente histórias. Felizmente a documentação relativa a êsse período é abundante, mas não esmagadora. Há larga pesquisa a ser feita nos jornais, o que demanda tempo; mas não há pesquisa sem esforço, e o tema é realmente digno dêsse esforço.

Eu próprio tenho percorrido algumas coleções de jornais ricifenses e me tenho surpreendido com a evidência de que alguns dos males que por tanto tempo têm afligido o Nordeste, surgiram então. É claro que o desnível econômico entre o Nordeste e o Sul do país é o resultado de um desenvolvimento mais longo do que nos separa do governo de Pedro II. A descoberta das minas nos fins do século XVII, a transferência da capital para o Rio de Janeiro no século XVIII, os favores de vária natureza que a corte de D. João VI proporcionou ao Sul desde os começos do século XIX contribuíram para o início dêsse desnível.

Um dos pernambucanos que se apercebeu da injustiça dêsse tratamento preferencial foi Gervásio Pires Ferreira (1765-1836), que bem merece as atenções de um biógrafo moderno. Entre outros fatos apontados por êle está o caso “de contribuir